



KARINI REIS

**Percepções de uma ação de Redução de Danos em *rave* no Rio Grande do Sul**

Canoas

2018

KARINI REIS

**Percepções de uma ação de Redução de Danos em *rave* no Rio Grande do Sul**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado para a professora para fins de ensino e aprendizagem como exigência para a aprovação na disciplina.

Orientação: Prof<sup>a</sup>. Luciane Marques Raupp

Canoas

2018

Queridos filhos, cresçam como bons revolucionários. Lembrem-se que cada um de nós, sozinho, não vale nada. Sobretudo, sejam capazes de sentir profundamente qualquer injustiça cometida contra qualquer pessoa em qualquer parte do mundo. Esta é a qualidade mais linda de um revolucionário. (Última carta de Che Guevara para seus filhos e filhas)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>2</b>	<b>MÉTODO.....</b>	<b>9</b>
<b>3</b>	<b>RESULTADOS.....</b>	<b>11</b>
<b>3.1</b>	<b>Descrição da festa .....</b>	<b>11</b>
<b>3.2</b>	<b>Concepções sobre RD.....</b>	<b>13</b>
<b>3.3</b>	<b>Coletivo Lótus.....</b>	<b>15</b>
<b>3.4</b>	<b>Percepções da ação .....</b>	<b>17</b>
<b>3.5</b>	<b>Efeitos do trabalho .....</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>21</b>
	<b>REFÊRENCIAS .....</b>	<b>23</b>
	<b>APÊNDICE A – Questionário: Redutores participantes da ação.....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Redução de Danos (RD) se originou na Inglaterra em 1926, visando minimizar as consequências danosas aos usuários de substâncias psicoativas (SPA), diminuindo assim os efeitos prejudiciais à saúde e proporcionando ao sujeito levar uma vida mais estável e útil à sociedade, sem exigir a suspensão do consumo (SANTOS; SOARES; CAMPOS, 2010).

A RD chegou ao Brasil em 1989, na cidade de Santos (SP), a partir de uma intervenção realizada pela Secretaria Municipal de Saúde da cidade, a distribuição de equipamentos para uso seguro de droga injetável para os usuários da região, visando a prevenção da propagação do vírus HIV (NIEL; SILVEIRA, 2011). Hoje as estratégias de RD são voltadas para todo tipo de usuários de substâncias psicoativas, desde aquele que faz a experimentação até aquele com uso problemático de psicotrópicos.

Atualmente as intervenções de RD tem se ampliado da esfera do direito à saúde para a do direito à cidadania e dos Direitos Humanos, e buscam a socialização política de usuários de drogas de maneira crítica, no sentido de tornarem-se protagonistas, de promoverem o autocuidado com a saúde e a busca por direitos, pela discussão de políticas governamentais e políticas de estado, numa perspectiva que passa pelo individual e também pelo coletivo. (É DE LEI, 2014).

A Organização Mundial de Saúde (1993) define droga como qualquer substância não produzida pelo organismo que tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento.

Em geral quando a alteração funcional buscada tem uma finalidade terapêutica a substância é chamada de medicamento ou remédio, quando a finalidade é religiosa é chamada de sacramento, para substâncias tornadas ilícitas costuma-se reservar os termos droga, tóxico, entorpecente, etc., e referir-se ao uso como dependentes, abusivos ou recreativos, ou seja, como sinônimos de psicopatologias ou desvio moral, demonstrando o reducionismo através do qual o tema costuma ser abordado. (KARAM, 2008<sup>1</sup>, 2014<sup>2</sup> *apud* RODRIGUES *et al.*, 2017, p. 42).

Apesar de toda a carga de moralização que ronda o tema drogas, e a despeito de configurar-se como uma questão importante de Saúde Pública na atualidade, o consumo de psicotrópicos esteve presente em diversos momentos da história da humanidade, presente de diferentes formas em diferentes contextos culturais e sociais, assumindo diferentes funções

---

<sup>1</sup> KARAM, M. L. A Lei 11.343/06 e os repetidos danos do proibicionismo. In: LABATE, B. C. *et al.* (Org.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 105-119.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_. Guerra às drogas e saúde: os danos provocados pela proibição. In: LOPES, L. E.; BATISTA, V. M. (Org.). **Atendendo na guerra: dilemas médicos e jurídicos sobre o “crack”**. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

societárias. Comumente, o uso de substâncias está associado à busca de alteração da consciência, à tentativa de dominação da mortalidade, à exploração das emoções, à melhora do humor, intensificar os sentimentos ou promover a interação social, muitas vezes em um desejo de mudar a realidade (NUNES *et al.*, 2010).

Em 1961 a Convenção Única sobre Entorpecentes declarou globalmente o paradigma proibicionista em seu formato atual, instituindo o limite de posse, do uso, da troca, da distribuição, da importação, da exportação, da manufatura e da produção de drogas exclusivas para o uso médico e científico. Segundo Fiore (2012), o proibicionismo estruturou o entendimento contemporâneo de substâncias psicoativas quando estabeleceu o limite arbitrário para usos de drogas legais/positivas e ilegais/negativas. Com a problematização do uso e abuso de substâncias estas passaram da esfera religiosa à esfera biomédica e da Justiça, porém, atualmente, este “[...] fenômeno é entendido como biopsicossocial, pois há um corpo afetado por uma substância, há um indivíduo único que o fez, há um contexto sociocultural em que esse consumo se insere.” (FIORE, 2007).

Atualmente, coletivos multidisciplinares têm atuado dentro de grandes festivais musicais, que acontecem no país promovendo ações de conscientização e Redução de Danos, com o intuito de estimular à reflexão, o autocuidado e o conhecimento sobre as substâncias comumente utilizadas nesses contextos, conhecidos como *rave*. Segundo Neves (2009) o início das *raves* (1) se deu há aproximadamente três décadas, após o nascimento da música eletrônica, em meados da década de 1980, especificamente na ilha de Ibiza. Com a evolução e crescimento dessas cenas houve uma segmentação das festas em duas vertentes:

- a) *psytrance* ou trance psicodélico (2) que teve origem na Índia e costuma ocorrer em espaços abertos, promovendo um maior contato com a natureza;
- b) *techno* (ritmo eletrônico mais sincopado de batidas intensas), promovida em locais fechados.

No Brasil, esse estilo de festa surgiu na década de 1990, tendo como cenário principal praias da Bahia e algumas regiões do Centro e Sudeste do país, como Alto Paraíso (Goiás) e Serra da Mesa (Maranhão) (ABRUZZI, 2014). Alusões às experiências psicodélicas propiciadas por algumas substâncias tinham presença marcante na música, na decoração das festas e nas vestimentas dos participantes. Neste contexto, somou-se o uso de psicotrópicos, como o Dietilamida do Ácido Lisérgico (LSD-25), substância popular entre os *hippies* dos anos 1960, assim como o Metilendioximetanfetamina (MDMA) ou *Ecstasy*, substância empatogénea difundida na cena eletrônica na década de 1980.

Na cidade de Salvador, em 2006, surgiu o coletivo pioneiro no Brasil na realização de ações de RD em cenas eletrônicas, o Coletivo Balance de Redução de Riscos e Danos. O Coletivo surgiu inicialmente como produto de uma pesquisa de doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia a ser defendida por Marcelo de Andrade Magalhães cujo objetivo era realizar uma pesquisa-ação-participante visando aprofundar a compreensão do contexto social e político no qual ocorriam as *raves*; entender o uso de substâncias psicoativas nesses eventos e definir estratégias de redução de riscos e danos a serem aplicadas nessas ocasiões (GUIMARÃES; MACRAE; ALVES, 2012).

Desde a experiência do Coletivo Balance, diversos outros grupos surgiram, atuando em festas e festivais de música eletrônica em diferentes Estados, evidenciando o crescimento da presença e aceitação de ações de RD nessas cenas. Em março de 2018, o coletivo PreParty de Redução de Danos do Rio de Janeiro produziu um mapeamento dos coletivos de RD que atuam em festas no Brasil. Dentre estes, destacam-se: Coletivo Balance (BA), Se Plante (BA), Ar.te.cura (BA), @Test (BA), BalanCeará (CE), Coletivo Pura Vida (MT), Caminho Alternativo (MT), Engrégora (MG), Coletivo Cai Junto (MG), Nave RD (MG), RDN (PB), Ohana Produções (PB), Repense (PR), Luz Azul (PR), Transcendendo Consciência (PR), Guará Redução de Danos (PR), Recifree (PE), Coletivo Tribo de Luz (PE), Coletivo Antiproibicionista PE (PE), Brisa/APB (Associação Psicodélica do Brasil) (RJ), PreParty (RJ), CelebraTe (RN), Noosfera (RN), Coletivo UmoYa (RN), Aspira (RN), Coletivo Lótus (RS), Changa (RS), Projeto Fique Legal (SC), RD Informações e Saúde (SC), Vivência (SC), ResPire (SP), Equilíbrio (SP), Ninho de Anu (SP), Clã do Sol (SP), Drop Reduction (SP).

No estado do Rio Grande do Sul destaca-se a atuação do Coletivo Lótus, criado em 2013 na cidade de Porto Alegre, com o objetivo de fornecer espaços de informação, acolhimento e promoção de saúde mental em contextos de festas de música, a fim de fornecer informações e prevenção ao uso problemático de substâncias, diminuir os efeitos negativos decorrentes do uso de psicotrópicos e auxiliar em possíveis experiências intensas em relação ao uso destas. A equipe conta com profissionais e acadêmicos da área das ciências humanas e da saúde, comunicação e artes, bem como produtores e frequentadores da cena eletrônica, que juntos constroem uma visão integral, intersetorial e transdisciplinar sobre a questão do uso de substâncias.

Comumente as intervenções do coletivo Lótus se centram na montagem de um espaço acolhedor no local da festa onde as pessoas possam sentar, conversar, trocar experiências e obter informações. Segundo Abruzzi (2014), os espaços informativos e de acolhimento se complementam, uma vez que diferentes demandas podem surgir em contextos festivos. Nesse

sentido, as ações usualmente ofertadas aos frequentadores de eventos nos quais o Coletivo Lótus atua são divididas em duas frentes:

- a) disponibilização de espaços informativo e de acolhimento, que podem ser oferecidos de forma conjunta ou separada, dependendo do porte e organização da festa ou festival;
- b) realização de acompanhamento terapêutico (AT), ação chamada de “SOS *Bad Trip*” que consiste em intervenções breves/acompanhamentos para pessoas que estejam passando por experiências difíceis devido ao uso/abuso de substâncias. O AT e o acolhimento auxiliam em casos em que a pessoa esteja se colocando em risco ou esteja perdida, fornecendo a ela segurança e conforto;
- c) testagem de substâncias com reagentes colorimétricos. Tem por objetivo identificar a amostra da substância cedida pelo frequentador do evento, de modo a promover um diálogo e construção do vínculo, levando informações de qualidade e sem moralismos. O reagente é incolor, ao ser pingado em uma pequena quantidade do material a ser testado, pode apresentar uma determinada cor, que deve ser comparada com a tabela que vem com o próprio reagente, indicando a presença de uma SPA. A testagem com reagentes apresenta limitações, pois elas não são capazes de determinar o nível de pureza da substância, por exemplo, e para que haja a confirmação dos resultados, é necessário outro tipo de testagem, como por exemplo, a cromatografia. De acordo com Rodrigues *et al.* (2017, p. 55), “[...] os reagentes não são capazes de separar e identificar diferentes substâncias presentes numa única amostra, não sendo possível afirmar a presença ou ausência de outras substâncias.”.

Compostas por um conjunto de ações, as intervenções de RD em festas e festivais de música eletrônica promovem a troca de experiências e informações seguras que, além de favorecer a prática de acolhimento e o desenvolvimento de estratégias de cuidado de si, fazem com que as experimentações conectivas e expansoras de consciência dos usuários não sejam limitadas a vivências limitadoras e isolantes.

Levando em consideração o crescimento das ações de RD voltadas às cenas eletrônicas e a necessidade de produzir conhecimento sobre as estratégias e ações realizadas como forma de fornecer subsídios a outras ações e mesmo à construção de políticas públicas no campo dos usos de substâncias, esse estudo buscou descrever o trabalho de RD em contextos festivos por meio da descrição e problematização da ação realizada pelo Coletivo Lótus de Redução de Danos em uma festa de música eletrônica ocorrida no Rio Grande do Sul. Visou descrever o evento e o trabalho realizado pelo coletivo no local, bem como acessar a compreensão dos



redutores de danos que participaram desta ação sobre os sentidos e efeitos do trabalho de Redução de Danos efetivado no evento, sob sua ótica.

## 2 MÉTODO

Este é um estudo qualitativo, de caráter descritivo, que buscou compreender o trabalho de Redução de Danos realizado pelo Coletivo Lótus em uma festa ocorrida em janeiro de 2018 que contou com a presença de, aproximadamente, quatro mil pessoas. A opção pela abordagem qualitativa foi motivada dada as características do Coletivo, pois tal método possibilita descrever e explorar as diferentes percepções acerca da ação realizada.

Na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. (GUERRA, 2014, p.11).

A metodologia utilizada para a coleta de dados dividiu-se em duas fases: na primeira foi realizada uma descrição do contexto da festa, do Coletivo e da ação por meio do acesso a dados registrados em diário de campo durante a realização de observação participante na festa em questão. Cabe destacar que a pesquisadora compõe a equipe do Coletivo Lótus e participou de suas ações na festa.

A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação estabelece uma reação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto. (MINAYO, 2002 p. 59).

Na segunda fase do estudo foram realizadas entrevistas semiestruturadas (Apêndice A) as quais foram realizadas tendo por base um roteiro que incluía perguntas acerca da RD e sobre a participação e avaliação dos redutores de danos da ação ocorrida no contexto estudado. A escolha por esse tipo de entrevista deveu-se ao fato de a mesma fazer emergir informações de forma mais livre, com flexibilidade na aplicação, pois as respostas não são restritas à escolha de alternativas previamente estabelecidas (MANZINI, 1991). O acesso aos redutores participantes da ação ocorreu através da reunião de equipe do Coletivo Lótus. A eles foi explicado o teor da pesquisa, garantindo o anonimato e mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram entrevistados sete redutores de danos que compuseram a ação na festa, a partir dos critérios: ser maior de 18 anos, disposição em

participar da pesquisa, voluntariedade, anonimato e assinatura do TCLE. Os redutores entrevistados foram identificados por nomes fictícios.

Para análise dos dados foi utilizado o método de Análise de Conteúdo (MINAYO, 2002), o qual permite encontrar respostas para as questões formuladas, permitindo compreender o que está explícito nos discursos, bem como o que está nas entrelinhas dos conteúdos manifestados, indo além do que está sendo comunicado. Durante este procedimento, foram identificados temas a partir das entrevistas realizadas, os quais delinearão a constituição de categorias e suas subsequentes interpretações.

### 3 RESULTADOS

A seguir serão expostas as categorias emergentes desta análise.

#### 3.1 Descrição da festa

Em janeiro de 2018 o Coletivo Lótus esteve presente em uma festa *rave* realizando uma ação de RD. A festa durou 17 horas e contou com a participação de aproximadamente quatro mil pessoas, realizada na cidade de Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre. São consideradas festas *rave* eventos festivos que possuem música fundamentalmente eletrônica, localização ao ar livre e duração de mais de 12 horas ininterruptas (ABREU, 2005). Se num primeiro momento a *rave* era encarada como uma perturbação da ordem social (atualmente esses eventos estão inseridos na sociedade como forma de entretenimento, em conjunto com novas estéticas musicais (GRYNNSZPAN, 1999<sup>3</sup> *apud* SIMÕES; MAGALHÃES; SILVA, 2016).

Visando proporcionar ações de RD ao público frequentador da festa, o trabalho do Coletivo Lótus ofereceu três serviços:

- a) *Infostand*, espaço de fornecimento de informações preventivas em RD. Neste espaço houve boa circulação do público e demanda acima do esperado, de forma a contribuir para a troca de informações e diálogo com o público. Foram distribuídas, aproximadamente, 50 unidades do *fanzine* informativo elaborado pelo Coletivo e 25 unidades do *flyer* informativo que apresenta estratégias de RD elaboradas pela equipe, além de preservativos e cartilhas sobre infecções sexualmente transmissíveis para os frequentadores do evento. Houve uma preocupação, por parte da equipe do Coletivo, em promover um espaço acolhedor. A equipe usava camisetas do Coletivo, o que ajudou na identificação dos redutores por parte do público;
- b) testagem de substâncias psicoativas com reagentes colorimétricos. A testagem foi oferecida de forma gratuita aos participantes do evento. Por meio dessa ação foi possível promover a troca de informações e diálogo com o público do evento sobre mitos e crenças acerca das substâncias. Em alguns momentos se fez necessário o fechamento deste espaço devido à grande demanda e formação de filas no espaço. Foram realizados 50 testes colorimétricos, sendo testadas substâncias como Ecstasy,

---

<sup>3</sup> GRYNNSZPAN, Danielle. Educação em saúde e educação ambiental: uma experiência integradora. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15 (supl. 2), p. 133-138, 1999.

MD, LSD. O Coletivo é ciente da limitação diagnóstica da testagem, como por exemplo, o reagente ao interagir com a amostra pode apresentar uma determinada cor, indicando a substância de uma SPA. Porém, essa cor pode camuflar a presença de outras SPA. Winstock, Wolff e Ramsey (2001<sup>4</sup> *apud* RODRIGUES *et al.*, 2017, p. 55) trazem que os testes colorimétricos possuem um limite importante devido à subjetividade na identificação da cor. Ainda assim, acreditamos nessa ferramenta como mecanismo de aproximação com o usuário e troca de informações sob as substâncias, adulterações e abordar o que o usuário esperava/desejava naquela SPA. Neste momento é importante a informação de qualidade, diálogo sem moralismo e ambiente amigável de diálogo (RODRIGUES *et al.*, 2017);

- c) espaço SOS *Badtrip*, espaço de acolhimento para frequentadores que passaram por experiências difíceis associadas ao uso de SPA no evento. Durante a festa foram realizados 24 acompanhamentos nesse espaço, por diferentes motivos que variaram desde experiências difíceis pelo uso de Ecstasy, Álcool, Ketamina, LSD, até problemas com calor intenso e pessoas passando por problemas como tristeza ou mesmo por estarem perdidos do seu grupo de amigos. O espaço também foi utilizado como medida de combate ao sol e espaço de descanso – aproximação que favorecia a divulgação do trabalho do Coletivo Lótus. Por exemplo, entre as 10h50min e 14h30min houve um “pico” de atendimentos, devido ao calor intenso. Neste momento todos os redutores atuaram devido ao aumento da demanda.

A grande dificuldade foi o espaço físico destinado ao coletivo, pois os três serviços ofertados estavam juntos. Entretanto, o *SOSBadtrip* necessitava de mais privacidade e conforto, atentos a esta necessidade, os redutores dividiram os espaços com tecidos pendurados, evitando que quem estivesse em atendimento no *Infostand* ou na testagem pudesse observar os atendimentos no espaço de acolhimento.

Cabe ressaltar que a equipe não fez apologia ao uso de SPA. As ações promovidas pelo coletivo visam criar um espaço de uso mais consciente, assim como promover saúde e bem estar.

Além das entrevistas com os redutores, foi explorada a elaboração de um diário de campo como forma de acesso a experiência da redutora pesquisadora.

Observei que se criou um ambiente acolhedor, agradável e livre de julgamentos na tenda do Coletivo Lótus. A equipe estava coesa, colaborativa, feliz em realizar a ação, houve uma

---

<sup>4</sup> WINSTOCK, A. R.; WOLFF, K.; RAMSEY, J. Ecstasy pill testing: harm minimization gone too far? *Addiction*, v. 96, n. 8, ago. 2001, pp. 1139-1148.

boa comunicação entre a equipe e com o público. Apesar de ter sido a primeira ação da pesquisadora, houve uma boa oportunidade de aprendizado e troca com a equipe, assim como com o público. Penso que o sucesso da ação, mesmo diante das dificuldades encontradas, se deu devido a empatia, parceria, relação horizontal de diálogo e pela percepção por parte do público de uma abordagem que preserva a autonomia e liberdade do usuário.

Parece-me que o desafio neste cenário é construir e promover espaços de troca a fim de quebrar paradigmas, desconstruir a dicotomia reducionista e mitos acerca do uso de SPA, promover o autocuidado e cuidado com os outros tendo o usuário como protagonista de sua história, e respeitando seus desejos, autonomia e liberdade.

A seguir serão expostas as categorias da análise de danos coletados. Foram realizadas sete entrevistas com os redutores do Coletivo Lótus que participavam do evento. As categorias apontam as concepções dos redutores sobre RD, sobre a atuação na festa e as reação e compreensão do público diante da ação.

### **3.2 Concepções sobre RD**

Nessa categoria, busca-se explicitar as concepções dos redutores de danos entrevistados acerca do termo Redução de Danos e suas práticas. No seu conceito mais estrito a Redução de Danos se refere a políticas, programas e práticas que visam diminuir as consequências de saúde, sociais e econômicas do uso de drogas lícitas e ilícitas, sem necessariamente reduzir seu consumo (INTERNATIONAL HARM REDUCTION ASSOCIATION BRIEFING, 2010). Não há conceito ou modelo fechado de RD, nem um modelo totalmente replicável, pois a RD, desde seu surgimento, é realizada de forma afinada aos contextos e estilos de vida dos usuários foco de cada ação. No Brasil existem diretrizes básicas, como o reconhecimento da estratégia de RD, amparada pelo artigo 196 da Constituição Federal, como medida de intervenção preventiva, assistencial, de promoção da saúde e dos direitos humanos; orientação e estabelecimento, com embasamento científico, de intervenções e ações de Redução de Danos, considerando a qualidade de vida, o bem-estar individual e comunitário, as características locais, o contexto de vulnerabilidade e o risco social; etc. A Portaria nº 1.028 de julho de 2005, determina que as ações que visam a redução de danos sociais e à saúde, decorrentes do uso de SPA desenvolvam-se por meio de ações de saúde dirigidas a usuários ou dependentes que não podem, não conseguem ou não querem interromper o referido uso. Fica instituído que o objetivo destas ações é reduzir os riscos associados sem, necessariamente, intervir na oferta ou no

consumo, de forma a respeitar as necessidades do público alvo e da comunidade (BRASIL, 2005).

Para Lótus 1, redutora entrevistada, a RD é um estímulo à autonomia e protagonismo do usuário e vai além de uma política de saúde:

*Pra mim Redução de Danos é em termos de visão maior assim né, de perspectiva de vida é buscar uma conduta que não seja hipócrita, uma conduta que pense na autonomia das pessoas, uma conduta que leve em conta [...] nossa história enquanto sociedade assim [...] e numa perspectiva assim prática, acho que a redução de danos é uma forma de manter as pessoas mais no controle das suas próprias vidas assim né, promover isso né, fazer um exercício disso, acho que é uma perspectiva que não é por nada que se construiu com uma política pública é um movimento social [...] que busca isso, busca segurança, busca maior qualidade de vida das pessoas que usam substâncias, que não são poucas.*

No relato de Lótus 2, redutor ativo do coletivo desde outubro de 2016, a RD é apresentada em uma perspectiva coletiva e individual:

*Para mim, redução de danos tem uma dimensão coletiva, que diz respeito a políticas públicas e práticas de cuidado com pessoas que usam drogas, onde se pretende reduzir possíveis riscos ou danos associados ao uso, mas se respeita a escolha pessoal de cada um, sem julgamentos morais e sem partir da premissa que a abstinência é a única forma de se lidar com usos problemáticos. Mas [...] tem também uma dimensão individual [...] é uma perspectiva que fundamenta como cada pessoa vai gerenciar o uso de drogas na sua vida, [...] que de um lado rompe com a ideia proibicionista de que a única forma de se manter saudável é se manter longe das drogas, e do outro lado rompe com a prática do uso inconsequente, a cultura do abuso, que associa o uso de drogas com uma postura de descuido consigo mesmo ou até mesmo autodestrutiva.*

Em suma, os redutores trazem a RD como uma estratégia e conjunto de ações que envolvem a redução de riscos e danos do uso de SPA, de forma a promover uma relação mais saudável do sujeito com a substância. Para os entrevistados a RD é uma ética de cuidado que promove a autonomia, autoconhecimento e empoderamento do ser, baseada no vínculo e aprendizado a partir de situações de vivência e aprendizado na prática com vistas a refletir sobre suas escolhas, podendo ser vista como um processo educativo, pois dá ao usuário o poder de refletir e definir seu caminho.

Os redutores também apontam a RD como uma ponte para o diálogo com determinados tabus pré-estabelecidos pela sociedade. A partir desta perspectiva a RD aparece como olhar de forma mais humanizada para o usuário, tanto aquele que faz uso abusivo, quanto recreativo. Os entrevistados compreendem que cada pessoa tem necessidades diferentes e que esta opção sobre o uso de drogas deve ser vista sem estigmas e julgamentos, onde o que realmente importa é a saúde e bem estar da pessoa.

A Redução de Danos tem por objetivo apresentar um manejo seguro de uma vasta quantidade comportamentos de alto risco e dos danos associado a ele, livre de julgamentos morais, com foco no pragmatismo, na empatia, liberdade à escolha, autonomia e protagonismo do usuário (QUEIROZ, 2001).

Por fim, adotar manejos de RD prevê que suportamos a ideia de que nós, enquanto sociedade, vivemos fora do campo dos ideais, e que o usuário de SPA é um cidadão, e através das estratégias de RD, é possível minimizar os efeitos negativos decorrentes do uso de SPA e das questões associadas a violação de direitos que tocam questões da responsabilidade social, cidadania e dos direitos humanos (QUEIROZ, 2001).

### 3.3 Coletivo Lótus

Nessa categoria, busca-se explicitar o funcionamento do coletivo Lótus e trajetória deste e dos redutores participantes da pesquisa por meio das falas dos entrevistados.

O Coletivo Lótus nasceu em 2013 na cidade de Porto Alegre, conta com uma equipe multiprofissional interessada pela temática da RD e/ou aproximação com as festas *rave*. As reuniões do coletivo acontecem semanalmente, quando há pautas voltadas aos eventos, e quinzenalmente, quando não há programação de eventos. No próximo relato, Lótus 2, expõe como chegou até o coletivo:

*Sou publicitário de profissão, não sou da área da saúde. Entrei por interesse pessoal, que surgiu da minha própria experiência com psicoativos e com a cultura trance, por perceber que a redução de danos pode ser uma forma de ativismo, agindo nas micropolíticas, por uma mudança na forma como a sociedade lida com a questão das drogas [...]. Desde a minha entrada no Lótus, já participei de diversas intervenções dentro e fora do RS, que vão desde festas pequenas até grandes festivais (incluindo o Universo Paralelo 2017/2018).*

O relato de Lótus 4, jornalista de formação e redutor ativo desde 2016, relata um dos desafios de ser um redutor de danos não sendo da área da saúde:

*Sou jornalista e iniciei no Lotus em 2016, a convite de amigos que faziam parte do Coletivo. Minha caminhada com a questão das drogas, porém havia começado antes. Em 2012 comecei a participar da organização da Marcha da Maconha de Porto Alegre. No Lotus, participei de três ações e de diversas reuniões, nas quais o coletivo vai definindo suas formas de atuação. Pessoalmente falando, o desafio de ser um redutor de danos, sendo eu alguém de outra área, foi aceito com o objetivo de ter uma atuação mais voltada às pessoas, digamos mais micropolítica do que apenas a militância em movimento político e de massa como a marcha.*



Em seu relato Lótus 3 descreve o coletivo como um grupo auto gestor, ou seja, o coletivo é gerenciado pelos próprios redutores, sem fins lucrativos.

*Eu entrei no Lótus no ano de 2017, logo após me interessar por festas e festivais de música eletrônica, que foi nesse mesmo período. [...] no início eu achei que era chegar nas reuniões e já partir para as festas, mas na verdade o que eu encontrei foi um coletivo que fazia (e faz) muito esforço em articular a RD dentro da cena gaúcha. O coletivo não é algo pronto, na verdade ele é construído em cada reunião, cada ação que conseguimos estar presentes e cada contato com produtores, professores e gestores (e mais um monte de gente). Já participei de umas 6 intervenções em festas/festivais e pude estar presente em algumas rodas de conversa também.*

Há certa alternância de integrantes na equipe em virtude das datas e interesse pelos eventos, porém o Coletivo conta com uma equipe ativa que mescla redutores mais experientes e novos redutores. Para se vincular ao Coletivo não se faz necessário participar de ações nas festas, havendo outras maneiras de atuação, seja através da promoção de rodas de conversa/palestras, seja nas participações das reuniões, por exemplo.

O Coletivo Balance de Redução de Danos (CBRD), nascido em setembro de 2006 na Bahia, é pioneiro no trabalho com RD em festivais, dessa forma acaba sendo uma referência para o coletivo. O Balance, assim como o Lótus, tem suas intervenções como ações educativas e buscam diminuir os efeitos nocivos decorrentes do uso de SPA. Ambas as equipes são multidisciplinares, porém o Balance conta com apoio e participação do (Centro de Estudos e Terapia de Abuso de Drogas/Universidade Federal da Bahia (CETAD/UFBA), e o Lótus é totalmente independente.

O Centro de Convivência É de Lei é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que atua desde 1998 com RD. Em 2012 o É de Lei deu origem ao Respire, com intervenções no contexto de festa. Ambos os grupos são referência para o Lótus. No que diz respeito às estruturas de intervenção, o coletivo Lótus, se baseia no projeto Respire e Balance, no que diz respeito à montagem de um espaço acolhedor onde as pessoas possam sentar, conversar e trocar experiências e informações.

O coletivo Lótus já participou de ações no Universo Paralello e outros festivais, em conjunto com redutores de outros coletivos do Brasil liderados pelo Coletivo Balance. Com isso, destaca-se o campo de troca de experiências e fortalecimento do trabalho dos coletivos no Brasil, de forma a proporcionar contato com outras formas de cuidado e abordagens em contexto de festa.

### 3.4 Percepções da ação

Nessa categoria, destacam-se os relatos dos redutores entrevistados nos quais expressam como se sentiram com a ação realizada e suas percepções sobre a reação e compreensão do público no evento em questão:

*Deu para perceber assim, a gente fazendo a diferença efetivamente em grande escala, me senti muito útil ali, tanto em termos de prevenção e promoção, conversando com a galera, quanto na reparação assim que é o acolhimento, e foi muito legal poder fazer uma ação assim organizada e tão eficiente assim, no sentido de ter bastante demanda, e a gente conseguir atender essa demanda, e se sentir realmente proporcionando a Redução os Danos em grande escala em uma festa.*

No relato acima a redutora Lótus 5 expressa que a ação ocorreu de modo eficiente e que sente que proporcionou realmente uma redução de riscos e danos em grande escala. No próximo relato Lótus 6, redutor que ingressou no Coletivo ao final de 2017, expõe satisfação com o trabalho na sua primeira ação:

*Eu percebi que a demanda é muito mais intensa, por uma questão das pessoas focarem no uso do álcool junto com MD e outras substâncias né, e correu tudo certo, os manejos foram bem atribuídos e pra um primeiro impacto assim né na cena, eu acho que foi muito bom né, do contexto o qual a gente não tinha né, eu não tinha a visão, eu tinha o conhecimento da Redução de Danos, tinha conhecimento de manejo, mas nunca tinha feito um manejo num ambiente como aquele, deu tudo certo, foi lindo demais.*

No relato de Lótus 1 é referida a importância do grupo, bem como as dificuldades nas tratativas com a produtora do evento:

*Eu me senti super bem, eu achei que foi uma ação que o grupo tava muito coeso, a gente conseguiu se organizar bem, a gente conseguiu conversar bem, acho que todo mundo teve uma participação essencial assim, acho que quem foi pela primeira vez conseguiu aprender bastante coisa, e acho que a gente encontrou algumas dificuldades com a produção, que foram bem dentro do esperado na verdade [...] acho que a gente teve bastante demanda, e isso fez com que a gente não parasse muito e visse a importância [...] acho que isso trouxe bastante gás pro coletivo, pra se experimentar, se perceber capaz.*

Conforme demonstram as entrevistas, os redutores gostaram de realizar a ação, o grupo estava coeso e houve uma boa comunicação entre a equipe. As dificuldades encontradas relatadas em algumas entrevistas também foram apresentadas à produtora através de um relatório da ação. Quanto as dificuldades destacam-se: a ausência de comunicação (rádio comunicador) entre a produtora e o coletivo durante o evento, um dos pontos a melhorar apresentados também foi a comunicação antes da festa; falha na impressão de materiais

informativos do coletivo Lótus, o que acabou por comprometer o Infostand; alimentação pouco variada, os redutores ficaram dependendo dos lanches que eram servidos na praça de alimentação, apesar disso não houve problemas com o acesso à água e/ou refrigerantes a equipe; faltaram cadeiras e mesas para o espaço destinado ao coletivo, as mesas são importantes para expor o material informativo e realizar as testagens; espaço físico, o SOS BadTrip necessita de um espaço mais reservado; disponibilizar insumos para combater o calor, como protetor solar e leque.

No próximo relato, Lótus 3 refere surpresa com a reação do público, assim como no relato de Lótus 4 que aborda a importância de um espaço de fala para os usuários, reforçando o objetivo do coletivo de promover espaços de informação, acolhimento e promoção de saúde mental em meio a festivais de música e outros eventos:

*Eu fiquei bem surpreso com a reação do público! Os curiosos nos abordavam e perguntavam o que era aquilo tudo e depois do diálogo eram só elogios! “Vocês não têm ideia de quanto o trabalho de vocês é legal”, “vocês são verdadeiros anjos”, “a gente nem sabia que existia isso no Brasil”, “pode tirar foto com vocês?”. Um dos melhores retornos foi do SOS Bad Trip, onde atendemos umas 30 pessoas em situação de risco e precisando do nosso acolhimento.*

*Não é comum para as pessoas acessarem pessoas ou serviços de saúde que falem abertamente sobre drogas. Muitas das pessoas nessa ação manifestaram seu agradecimento verbalmente tamanha era a surpresa [...] a impressão é de que nessa festa, bastante gente que fazia o uso de drogas não tinha o conhecimento aprofundado sobre o que estava usando. Da mesma forma, não conheciam muito sobre a RD e demonstravam-se contentes descobrindo que existia essa abordagem da questão.*

Conforme demonstram as entrevistas, os redutores perceberam a satisfação do público com a participação do Coletivo Lótus no evento. Os redutores também perceberam o público surpreso e curioso com a presença do grupo.

Os pontos positivos da ação foram apresentados à produtora através de um relatório da ação escrito pelos redutores. A localização do espaço do coletivo ao lado da equipe de socorristas, proporcionou uma sinergia e interesse no trabalho de ambas as equipes, o que fez com que os encaminhamentos e trocas de informações fossem constantes, fator que colaborou para o sucesso da ação. A receptividade da equipe de seguranças, a compreensão do nosso trabalho e troca de informações sobre os casos atendidos também foram fatores importantes para o resultado final da ação.

A preocupação da produtora com estratégias para reduzir o calor, tais como, promoção prévia de água, caminhão pipa, tenda de grande extensão, e com o ambiente, festa/pista limpa, foram fatores que também contribuíram para o sucesso da ação. O deslocamento da equipe e entrada no evento; o armazenamento dos reagentes para as testagens; a tenda disponibilizada

para o coletivo Lótus atuar, atendendo as expectativas e necessidades do Coletivo em relação ao evento de menor porte, foram fatores importantes para que os redutores percebessem uma relação de parceria com a produtora, além de terem seu trabalho reconhecido. O número de redutores foi suficiente para dar conta da ação; o repasse de recursos, todo o valor orçado foi repassado até dois dias após a festa ter ocorrido, fator que fortalece o vínculo de confiança com a produção.

Outro fator positivo, essencial para o sucesso da ação, foi o reconhecimento do espaço, reconhecimento e integração do público da festa com o espaço de RD. A Busca Ativa de casos pela equipe de RD, respeitando o espaço das pessoas, fez com que pudéssemos identificar no público situações de risco e desconforto, tanto pelo uso de SPA, quanto pelo calor ou sonoridade violenta, evitando que estas situações se tornassem mais graves. Além disso, a Busca Ativa incentivou, na pista, algumas pessoas a realizarem as testagens de suas substâncias.

### 3.5 Efeitos do trabalho

Nessa categoria, destacam-se os relatos dos redutores entrevistados, os quais expressam como perceberam os efeitos do trabalho realizado. No trecho abaixo, a redutora Lótus 7, frequentadora da cena há mais de 20 anos e redutora no coletivo há mais de dois anos, expressa que os efeitos foram positivos para o coletivo e para o público, e que nunca havia visto uma busca tão grande pelo espaço de RD:

*Os efeitos foram positivos tanto para equipe, quanto para o público. Eu como redutora, nunca tinha trabalhado numa festa com tantas pessoas procurando nosso espaço, seja para descansar, fugir do sol, beber água, conversar sobre drogas, realizar testagem, saber o que fazíamos, pedir ajuda [...] Logo essa grande procura despertou em nós um belo sentimento de reconhecimento do trabalho. Realizamos mais de 20 atendimentos e muitos envolveram o acompanhamento terapêutico de pessoas em situação de sofrimento, paranoia, medo pelo uso abusivo de psicoativos e álcool. Foi uma ação muito gratificante.*

No próximo relato, Lótus 4 relata que os efeitos do trabalho podem ser percebidos de maneira imediata e mediata:

*Os efeitos do trabalho para os indivíduos fazem muita a diferença. O oferecimento de cuidado é fundamental para evitar complicações. Isso se pode perceber como efeito imediato. Seja nas testagens, no stand informativo ou no AT, o envolvimento com o público foi positivo. Já falando mais amplamente, os efeitos da RD aos poucos vão se espalhando, pessoas por pessoa, e essas vão se tornando também vetores de cuidado, num efeito que aos poucos vai ganhando forças como é a RD e sua história de empoderamento dos usuários.*

Em seu relato Lótus 3 refere o convite da produtora para o coletivo estar presente no próximo evento como outro aspecto positivo do trabalho desenvolvido nesta ação, mas principalmente a busca do público pelo espaço:

*Com certeza o retorno do público com o nosso trabalho e a resposta da produtora, que já demonstro interesse em contar conosco no próximo festival (que vai ter o dobro de público). Mas o melhor efeito, foi ver esse trabalho de cuidado, assistência e informação sendo produzido numa cena, que há pouco, eu mesmo fazia parte do público, foi um prazer meio que paradoxal. E também abrir as portas para a RD na cena comercial de raves do RS. É claro que ainda temos dificuldades, falta perna e muitas produtoras ainda não reconhecem o trabalho feito pela RD, mas devagarzinho a gente chega lá.*

#### 4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este trabalho procurou apresentar as percepções dos redutores de danos do Coletivo Lótus sobre os efeitos do trabalho em uma ação no Rio Grande do Sul, de modo a mostrar importância do trabalho neste contexto. A pesquisa realizada posterior à festa proporcionou uma reflexão sobre a ação desenvolvida. Conforme demonstram as entrevistas, o público sentiu-se satisfeito e grato pela ação desenvolvida pelo Coletivo Lótus, de forma que se sentiu visto e acolhido no espaço destinado ao grupo. Os diálogos durante a ação foram tranquilos, o público foi receptivo e carinhoso.

A cena das *raves* comerciais não conta com ações de RD, diferente dos festivais (festas que duram vários dias), sendo este um dos motivos para que o público tenha ficado tão surpreso com a presença do coletivo no evento em questão. Nas *raves* o uso de psicoativos geralmente é abusivo, não sendo difícil ouvir relatos sobre pessoas caídas ou desmaiadas, pessoas se colocando em risco e aos demais, exposição moral, overdoses e casos de morte. A partir de ações como as do coletivo Lótus podemos perceber a necessidade de desenvolvimento desse tipo de trabalho em festas de música eletrônica, onde ocorre uso de diversas SPA, por vezes sem acesso a informação sobre efeitos e qualidade destas substâncias e sobre ações de redução de riscos e danos. A prática da RD é compreendida como singular, sem discurso pronto, manejando os casos da melhor forma possível de acordo com os recursos disponíveis (COSTA *et al.*, 2015).

Não seria apropriado falar em conclusões a partir de análise de uma única ação, já que não houve observações em eventos pela mesma produtora. Entretanto, informações importantes foram obtidas, ainda mais quando esta temática ainda é pouco explorada, havendo pouca bibliografia sobre o tema. Se faz necessário pesquisas que explorem a cena eletrônica como espaço de uso recreativo,

A proposta de desenvolver estratégias de RD no contexto de festas de música eletrônica promove espaços educativos junto ao público ligado ao cenário, possibilitando desenvolver estratégias apropriadas ao contexto. Com a multiplicação dessas informações e com a internalização de formas de cuidar de si e dos amigos sob os efeitos de SPA, de forma a ajudar na redução dos riscos associados ao uso abusivo e as misturas, prevenindo danos como surtos psicóticos, overdoses, etc. (COSTA *et al.*, 2015). A realidade desse tipo de uso não envolve necessariamente abuso ou dependência, porém ainda é ignorada.

Desta forma, faz-se necessário a desconstrução da associação entre RD e apologia ao consumo de “drogas”, uma vez que as notícias sensacionalistas da mídia fortalecem medidas

como a “tolerância zero” e impedem a multiplicação de programas de RD em diversos contextos, como nas *raves*. Assim, fica evidente o propósito do coletivo Lótus de reduzir possíveis danos, informando o público de possíveis riscos e danos e como evitá-los e seus efeitos na psique humana.

## REFÊRENCIAS

ABREU, Carolina de Camargo. **Raves: encontros e disputas**. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2JcZSrt>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

ABRUZZI, Jéssica Consoni. **Psicodelia e cuidado: narrativa de intervenções na perspectiva da redução de danos em festas de música eletrônica**. 2014. Monografia (Especialização em Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.028, de 1º de julho de 2005**. Determina que as ações que visam à redução de danos sociais e à saúde, decorrentes do uso de produtos, substâncias ou drogas que causem dependência, sejam reguladas por esta Portaria. Brasília, DF, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/2N4oepX>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

COSTA, Roberta Marcondes et al. (Org.). Projeto Respire: redução de riscos e danos em contextos de festas. In: GODÓY, Aline. **Fórum Estadual de Redução de Danos de São Paulo: construção, diálogo e intervenção política**. São Paulo: Córrego, 2014. p.78-86. Disponível em: <<https://bit.ly/2uaBbr3>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

É DE LEI. **O que é redução de danos?** 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2KXDWpm>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

IORE, Maurício. O lugar do Estado na questão das drogas: o paradigma proibicionista e as alternativas. **Novos estud. CEBRAP**, São Paulo, n. 92, p. 9-21, mar. 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2N58e6O>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

IORE, Maurício. **Uso de substâncias psicoativas ilegais e juventude: algumas ponderações**. 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2un1w4r>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Anima Educação, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2uknqW8>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

GUIMARÃES, Marcelo Andrade; MACRAE, Edward; ALVES, Wagner Coutinho. Coletivo Balance de redução de riscos e danos: Ações globais em festas e festivais de música eletrônica no Brasil (2006–2010). In: NERY FILHO, A. et al (Org.). **As drogas na contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais**. Salvador: EDUFBA: CETAD, 2012. p. 101-122. Disponível em: <<https://bit.ly/2Jbn9Ks>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

INTERNATIONAL HARM REDUCTION ASSOCIATION – IHRA. **O que é Redução de Danos?** Uma posição oficial da Associação Internacional de Redução de Danos. London: IHRA Briefing, 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2ldbUYe>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática** (Marília), São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1991



MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. (Coleção temas sociais).

NEVES, Thiago Tavares das. Uma interpretação semiótica de *raves* como expressões culturais dotadas de ordem e caos. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 11., 2009, Teresina. **Anais...** Teresina: Intercom, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2u6ly46>> Acesso em: 23 out. 2017.

NIEL, Marcelo; SILVEIRA, Dartiu Xavier da (Org.). **Drogas e redução de danos: uma cartilha para profissionais da saúde**. São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2kWhmS9>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

NUNES, Deise Cardoso et al. “...outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas...”. In: SANTOS, Loiva Maria de Boni. (Org.). Outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas. Porto Alegre: Ideograf, 2010. p. 15-26. Disponível em: <<https://bit.ly/2m6braU>>. Acesso em:

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10**. Porto Alegre: Artes Medicas Sul, 1993.

QUEIROZ, Isabela Saraiva de. Os programas de redução de danos como espaços de exercício da cidadania dos usuários de drogas. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 21, n. 4, p. 2-15, dez. 2001. Disponível em: <<https://bit.ly/2KNrF7F>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

RODRIGUES, Sandro Eduardo et al. Redução de danos e substâncias psicodélicas: construindo ações e debates. **Platô drogas & política[s]**, São Paulo, v.1, n. 1, p. 41-69, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2manF2i>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

SANTOS, Vilmar Ezequiel dos; SOARES, Cássia Baldini; CAMPOS, Célia Maria Sivalli. Redução de danos: análise das concepções que orientam as práticas no Brasil. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 995-1015, 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2KXAv1W>>. Acesso em: 26 set. 2017.

SIMÕES, Emília; MAGALHÃES, Sérgio; SILVA, Armando. Da rave ao neo-ritual multimídia. In: SOPCOM: 8., 2013, Lisboa. **Comunicação global, cultura e tecnologia**. Lisboa: Escola Superior de Comunicação Social, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2zsA3Eq>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

**APÊNDICE A – Questionário: redutores participantes da ação**

1. Para você, o que é redução de danos?
2. Pode descrever brevemente sua trajetória no Coletivo Lótus?
3. Como você se sentiu ao fazer a ação realizada em janeiro de 2018?
4. Na sua opinião, qual a reação e a compreensão do público que acessou as ações do Coletivo no evento em questão?
5. Quais os efeitos do trabalho realizado, sob seu ponto de vista?